

MIGUEL SANCHES NETO

A máquina de madeira



Copyright © 2012 by Miguel Sanches Neto
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Capa
Retina78

Preparação
Cacilda Guerra

Revisão
Fernanda Windholz
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sanches Neto, Miguel
A máquina de madeira / Miguel Sanches Neto. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2192-2

1. Ficção brasileira I. Título.

12-12492	CDD-869.93
----------	------------

Índice para catálogo sistemático:	
1. Ficção : Literatura brasileira	869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

LONDRES, 9

NOVA YORK, 155

Mãos

Quem olhasse as mãos de Francisco João de Azevedo segurando a amurada do navio veria as mãos de um operário. Não que fossem grandes, eram no tamanho um tanto femininas, mas tinham a rudeza própria de quem se dedicava a ofícios manuais. A pele dos dedos estava partida, as unhas lascadas com alguma sujeira sob elas e calos que podiam ser entrevistados na extremidade das palmas. Muitas vezes, lidando na solidão de sua oficina, Francisco observava aquelas mãos, a parte de seu ser que mais conhecia, sempre inquietas como sua mente, enquanto o resto do corpo mantinha uma aparência retraída. Começamos a morrer pelas mãos, pensou com tristeza. As mãos tinham mais idade do que ele, estavam se desgastando com muita rapidez. O envelhecimento se estampara nas veias e nervos salientes, nas superfícies ásperas, nos dedos rudes de camponês. Mas ele não tinha vergonha do aspecto delas, no fundo sentia orgulho, pois lembravam seu passado de órfão afeito ao trabalho.

— O senhor parece não apreciar a Corte — disse uma senhora a seu lado.

Ele ergueu os olhos, cegando-se com o sol refletido nas roupas brancas e rendadas dela.

— De modo algum, muito me agrada a cidade.

— Deve ter estado aqui várias vezes; e já não vê novidades.

— Esta é a primeira.

— E nenhum brilho nos olhos? Nenhum sorriso de admiração?

— Estava rezando — mentiu.

— Ah, desculpe por ter incomodado — ela disse, voltando a fitar a terra, sempre mais próxima.

As pessoas ao redor faziam comentários sobre a cidade, tão bonita vista assim do mar, numa manhã de sol. Alguém identificava torres de igreja, um morro, o Paço Imperial, revelando a euforia própria de quem chega à Corte depois de ter deixado para trás a província e sonha viver grandes acontecimentos. Francisco João de Azevedo também desejava experimentar o prazer, mas este não estaria na paisagem, nas vidraças da rua do Ouvidor, nem nos restaurantes ou no teatro. As coisas mundanas não o fascinavam nem um pouco. Em verdade, suas mãos não o seguravam ao navio, seguravam-no a si mesmo. Vestindo casaca preta, calças folgadas e botinas bem polidas, dava a impressão de um homem refinado. Só as mãos destoavam. Não serviam para o sinal da cruz, para se colocarem juntas, simbolizando contrição, e muito menos para ministrar santos sacramentos. Quando apertava a mão de outros religiosos, até causavam constrangimentos. O tecido adiposo das mãos dos padres, macias como estofados, contrastava com a aspereza da sua, e os religiosos se afastavam num susto quando elas se encontravam, como se tivessem tocado em um inseto asqueroso.

O vapor já estava ancorando, as pessoas acenavam para o porto, onde conhecidos e desconhecidos esperavam os viajantes, uns para receber parentes e amigos, outros, para conseguir algum

trabalho. Padre Azevedo continuava agarrado à amurada. Não há viagens, chegadas e partidas para quem se dedica às próprias ideias.

Os objetos existem antes na imaginação para depois ocupar ou não um lugar no mundo, ele pensava enquanto acompanhava a retirada de sua bagagem, apenas aquele caixote pesado. Tanto o inventor quanto o religioso partiam da mesma situação de ausência, acreditando previamente em algo impalpável. Guiavam-se apenas pela convicção. Quase tudo que projetara continuava sem existência, mas trazia ali um objeto. Não era um simples sonhador, algumas de suas ideias se faziam carne, e este foi o primeiro momento na viagem em que padre Azevedo sorriu. Diver-tira-o o uso daquelas palavras bíblicas para se referir a seu invento. O certo teria sido dizer que suas ideias se fizeram coisa, e não carne. O sacerdote colocava termos na cabeça do inventor. Sim, uma coisa, um objeto. Mas também carne. E ele persistiu no riso discreto, que não foi percebido por ninguém. Todos estavam atarefados demais com o desembarque. Havia uma urgência de chegar logo. As senhoras produziam ruídos de tecidos e saltos, conversando entre si; os homens instruía-m criados que haviam aparecido para recolher baús; e os cavalos se inquietavam à espera da ordem de partir. Outra viagem começava.

Depois de acompanhar a entrega da caixa, deixada no chão, em meio a muitos baús, sacarias com produtos da província, pessoas se movendo com pressa e alarido, o padre empacou. Os carregadores não o procuravam. Tinham trabalho suficiente com os outros passageiros? Visto a certa distância, triste ao lado de algo semelhante a um féretro, ele parecia velar alguém. Talvez por isso os carregadores o evitassem; não queriam nem pensar na possibilidade de transportar um cadáver. Se ninguém se oferecia

para ajudá-lo, restava-lhe tomar a iniciativa. Tímido, constrangia-o a obrigação de conversar com desconhecidos, acertar o transporte de suas coisas, indicar um endereço. Tudo era cansaço, imposição do mundo imediato. Em passo arrastado, separou-se da caixa e seguiu até a rua. Sobravam apenas os cocheiros mais velhos, com veículos deteriorados.

— Quer um coche, senhor? — perguntou o primeiro deles.

— Uma carroça — ele respondeu.

O homem indicou, um pouco à frente, um carroção puxado por dois cavalos.

Quando estava próximo, um velho gordo e com olhos vermelhos se adiantou.

— Transporte?

O padre concordou com a cabeça, aliviado por não precisar dizer nada. Seguiram juntos, e em silêncio, para o local em que a caixa ficara. O carroceiro mancava um pouco, mas o padre não percebeu. Voltara a seu mundo interior.

Só ao contornar a caixa é que se deu conta da situação. Os dois não conseguiriam carregá-la. Contratempos como este, conquanto pequenos, desanimavam padre Azevedo, fazendo com que tivesse vontade de se isolar em sua oficina no Arsenal de Guerra ou em sua casa. Tudo era dificuldade para quem ousava contrariar a pasmaceira do país. Melhor seria abandonar os sonhos de inventar e arranjar uma freguesia onde pudesse se ocupar apenas com os ofícios religiosos, ganhando um pouco mais de dinheiro, pois suas aulas e a capelania no Recife não lhe permitiam uma vida folgada. Retornaria em breve a seu isolamento, do qual ele saía apenas para sofrer reveses. Enquanto se perdia nestas queixas silenciosas, olhando desoladamente a caixa, o carroceiro conseguira dois ajudantes, escravos que faziam pequenos serviços no porto, e os três estavam diante de Azevedo, experimentando o

peso daquela equipagem desajeitada, já levantada do chão em um dos lados. O padre saiu de seu mutismo para, junto com um dos jovens, erguer a outra ponta. Acertaram os movimentos e foram conduzindo-a até a carroça. Era, de fato, como se transportassem um defunto. E esta imagem o entristeceu ainda mais. Seus sonhos estariam mortos ali dentro? Viera ao Rio somente para enterrá-los de uma vez ou haveria a chance de mostrar ao mundo a sua invenção? Se for como morta que ela segue aqui, ele pensou, é preciso que ressuscite: erga-se e saia do túmulo! Ainda existem ressurreições nestes tempos incrédulos. Um sangue vibrante correu por seu corpo, e ele se sentiu rejuvenescido. Às vésperas dos cinquenta anos, em alguns momentos ele se tornava bem mais velho, como se a vida já tivesse acontecido, mas bastava uma pequena euforia para que percebesse a largueza de horizontes diante de si. Teve então vontade de ver novamente a sua criação. Queria abrir logo a caixa, reencontrar-se com o que ficara oculto. Empreendia aquela viagem para mostrar à Corte do que a inteligência nacional era capaz. A inteligência e a persistência. Como tudo aqui era difícil, fazia-se necessário cultivar as ideias fixas. Todo homem com verdadeira capacidade criadora devia ser teimoso. E isso ele era.

Ao acomodar a caixa na parte de trás do carroção, ela despertou o barulho da madeira raspando o assoalho. Azevedo deu dinheiro aos escravos, que voltaram a seus postos, enquanto o carroceiro arrumava a caixa.

— O que o senhor leva aí dentro?

O padre poderia dizer que era seu próprio corpo. Mas ele temia a força demoníaca das palavras. Melhor que empregasse a palavra exata. Dar nome às coisas também era uma experiência criadora.

— Uma máquina. Uma máquina taquigráfica — ele disse.

Mas o condutor já subia na carroça, desinteressado da primeira pergunta.

— Para onde vamos?

— Para o prédio da Exposição Nacional — Azevedo respondeu, subindo do outro lado.

— O senhor é um dos expositores?

Ele concordou com a cabeça, observando o homem chicotear os cavalos. A carroça deu um tranco e se moveu. Os aros de aço da roda iam arrancando faíscas das pedras. E o padre sentia na coluna cada baque seco das rodas contra os obstáculos.

— Em vez de gastar dinheiro com essa exposição, o imperador devia melhorar as ruas da cidade — resmungou o carroceiro com um sotaque lusitano.

Qualquer tentativa de explicar a importância da Exposição Nacional seria vã. Homens iguais a ele só se interessavam por aquilo que os atingia diretamente. Buracos e pedras soltas nas ruas; charcos em determinados pontos da cidade; fome. Eram prisioneiros do momento.

— O senhor talvez tenha razão — o inventor disse, com a voz sumida de quem tenta providenciar uma resposta, olhos voltados para o lado.

Estavam passando pelo Paço Imperial, uma construção feia, mais parecida com um imenso casarão em ruínas do que com um palácio. Dominavam o ambiente um tumulto colorido de pessoas e o cheiro sufocante dos dejetos jogados no mar. Aquele lugar tinha um pouco de feira, de mercado. Mercado de vaidades, pensou padre Azevedo. Ele se lembrava da visita do imperador ao Recife, das disputas dos homens de posse para receber dom Pedro, todos se esforçando para mostrar suas riquezas, e o visitante vendo tudo rapidamente. O que queria o imperador? Falava só o necessário, denunciando pouco os sentimentos. Percorria o país com que olhos? Participou das festas com um

semblante impassível, o mesmo que mostrava nas visitas a fábricas, escolas, propriedades. Não ficou mais do que uns minutos na sala do Arsenal de Guerra onde a máquina taquigráfica estava sendo construída, e já seguiu para ver outras coisas. É assim a curiosidade política. Não se detém em nada. Ele gastava anos de trabalho, fazia sacrifícios, e tudo era visto em dois ou três minutos. Mas agora haveria a exposição. Ele esperava que as pessoas não passassem tão rapidamente diante de seu invento. Que tivessem mais tempo do que os governantes para discutir com ele o funcionamento daquela máquina destinada à escrita.

— Por onde o senhor quer ir? Pela rua do Ouvidor?

— Pelo caminho mais rápido.

— Não quer conhecer a cidade? Faço por um preço mais barato do que os coches.

— Estou cansado.

O condutor insistia em conversar, meio gritando, com o mesmo ímpeto com que fustigava os cavalos. Era um trabalhador independente, tinha o seu próprio negócio, não bajulava ninguém, por isso podia pensar o que quisesse, podia criticar as pessoas. Não sou agregado aí do paço. Se não quero trabalhar, fico em casa. Não tenho quem me mande. Ele ia dizendo enquanto manobrava com vigor as rédeas e os chicotes, para entrar na estreitíssima rua do Ouvidor, quase atropelando umas senhoras de sombrinha que caminhavam entre as duas longas galerias de vitraços. Era bom ter esta energia, saber açoitá-las os animais para que eles façam o que queremos. Conduzir a vida como se conduz uma carroça, um coche. Para isso era necessária uma violência que o padre não tinha. Esta conclusão o deixou mais silencioso. Mas o carroceiro era insistente.

— Dizem que vão recolher na Escola Técnica as riquezas dos nossos produtos para mandar a Londres. Bobagem. Isso só vai servir para uns poucos aparecerem. Precisamos mesmo é de mais

iluminação a gás. As ruas estão perigosas à noite. Já não faço serviço depois que o sol se põe.

Não era permitido ao padre se ausentar da conversa. O português o açoitava com as palavras.

— A companhia do barão de Mauá não está instando lâmpadas a gás? — ele perguntou, tentando mostrar alguma disposição para o debate.

— Mas é muito pouco e muito caro. O senhor não sabe quantos bandidos tem esta cidade. Aqui nada presta. O imperador devia era importar as coisas boas da Europa, sem querer exibir grandezas por lá.

A vontade dele era se calar, obrigando o outro a emudecer. Mesmo que fosse necessário ser rude. Mas ele não tinha palavras ásperas. E sentia-se obrigado a continuar conversando.

— É importante conhecer o que cada província tem de melhor. É um novo Descobrimento.

— Tudo que é bom vem de fora. A família real veio de onde? Até a mão de obra para as lavouras e para os demais serviços é da África ou da Europa. Não precisamos perder tempo para fazer o que outros países fazem melhor. É só trazer para cá. De onde é a família do senhor?

— De Portugal.

— Não estou dizendo? O brasileiro não existe. Eu não sou brasileiro, o senhor também não. Os negros que trabalham aqui são menos brasileiros do que nós. Não é o caso dos índios, estes talvez até sejam brasileiros, mas desconhecem a civilização. O que temos de bom vem de fora. Nós somos só um porto que recebe pessoas e produtos estrangeiros. Trabalho aqui há quarenta anos. Sei o que falo.

Cada pessoa transformava suas crenças em um escudo para se proteger do mundo. Aquele homem tinha construído esse raciocínio durante décadas, e sempre o repetia aos clientes. Tudo

que acontecesse a ele seria explicado com aquele mesmo ponto de vista, que cada ano ficaria mais sedimentado, mais agressivo. Era sua proteção contra o mundo. Não importava o que os outros pensavam, aquele carroceiro tinha a sua verdade. E ela valia mais do que qualquer outra porque explicava o seu mundo.

Aproveitando um minuto de silêncio, o padre fechou os olhos e fingiu cochilar, apesar dos trancos da carroça nos paralelepípedos. Seu interlocutor não estava assim tão sem razão. Urgia mesmo melhorar as vias públicas, pois até esta rua central, por onde passavam os príncipes, se encontrava cheia de pedras soltas. Ele conhecia a fama da rua, a mais mundana, jornalística e política de todas as vias da Corte, com seu burburinho imenso, principalmente à tarde, quando as senhoras buscavam as novidades de Paris. Por ser tão estreita, era quase uma galeria a céu aberto, dominada por modistas, floristas, fotgrafistas e dentistas que tapavam os furos dos dentes com ouro ou simplesmente os arrancavam; e ali também se encontravam confeitarias, charutarias, livrarias, perfumarias, sapatarias, alfaiates, hotéis, espelheiros, secos e molhados, ourivesarias e pequenas fábricas. Era a civilização, reduzida às suas novidades, um outro império, o da moda. Só o que vinha de fora existia para a rua do Ouvidor, principalmente as mulheres francesas nas lojas e nos hotéis de artistas, porque urgia viver em Paris.

A sensação que o padre tinha, enquanto se movia pela rua do Ouvidor com os olhos fechados, era a de habitar um sonho. O tempo escorria lento, apenas ruídos imprecisos chegavam até ele. Assim, no resto do percurso até a Escola Técnica, no largo de São Francisco de Paula, o carroceiro não fizera mais perguntas nem comentários, apenas comandava os cavalos, xingando as pessoas que não saíam da frente. Esgotaram-se os seus argumentos, mas ele dissera umas verdades bem duras a esse idealista que acredita ser possível mudar a ordem das coisas.

O padre não via vitrines, pessoas, o casario ou as melhorias da cidade. Isso só intensificava a sensação que vinha tendo desde que deixara o Recife, o tempo havia parado. Por mais que viajasse, não saía do lugar. Parecia um pesadelo, como os que atormentavam o seu sono. Algo perigoso o ameaçava e ele então tentava correr, mexia as pernas desesperadamente, mas permanecia parado. Era assim que se sentia agora. Tudo demorava muito para acontecer. Uma distância intransponível o separava da realidade. Nunca atingia seu destino. As coisas escorrendo vagarosamente.

Ele então abriu os olhos e viu a igreja do Rosário, que pertencia aos pretinhos, e já tinha servido de sé até a chegada da família real. Fez o sinal da cruz, mecanicamente, reverenciando Deus, mas também os negros. A igreja com suas torres sem simetria, a da direita alta e a da esquerda bem mais baixa, representava as diferenças das duas classes que a frequentaram quando a cidade do Rio de Janeiro ficou sem um prédio para a sé. O padre ia nestes pensamentos, planejando uma visita à igreja, conhecida pelo fato de o seu interior lembrar mais um armazém do que uma casa de Deus, quando o carroção parou na frente da Escola Técnica, decorada para receber os produtos do país.

Tudo estava sendo enfeitado com bandeiras e outros adornos. Na fachada, o anúncio da Exposição Nacional. Letras imensas, que podiam ser vistas de longe, mas que só agora ele havia lido. Um pouco abaixo, bem no centro, os dizeres latinos: *opes acquirit eundo*. Ele então se lembrou da frase inteira, retirada da *Arte de amar*, de Ovídio. *Nascitur exiguus, sed opes acquirit eundo amnis*. E traduziu, igual à época em que estudava latim. *O rio nasce pequenino mas com o caminhar adquire forças*. Um lema tão apropriado para si próprio e para o país. Ali começava uma nova época para a pátria jovem, apesar de homens como o carroceiro. E Azevedo fazia parte deste início. Ao cruzar aquelas portas, tudo poderia mudar. Ele deixaria seu

precário emprego de professor, os dias de pobreza e isolamento, as humilhações de depender da boa vontade dos outros e se dedicaria somente às suas invenções. A caridade cristã nele se exercia também pela criação de novas máquinas que ajudassem as pessoas.

Tinha muitos projetos, mas não havia mais como retê-los. Tudo quer nascer, até mesmo aquilo que só existe à noite. Ele podia tomar notas de seus inventos, mas isso não lhes tiraria a natureza ficcional, continuariam uma possibilidade remota, algo imaginado no amanhã. E o padre queria vê-los em funcionamento. Para isso, enfrentava as dificuldades, aceitando o auxílio de todos, ele que era tão orgulhoso justamente por sempre ter precisado de ajuda desde a morte do pai.

O carroceiro não desceu; agora não tinha motivos para colaborar. E era contra a exposição.

— Meu joelho está doendo — foi o que ele disse quando o padre o olhou esperando que fizesse algo.

O inventor tinha novamente que tomar pequenas providências, vencendo a timidez. Esta viagem à Corte era uma provação; devia superar sua incapacidade de se relacionar com as pessoas. Desceu, foi em direção à entrada da escola, onde alguns homens acompanhavam os últimos preparativos do prédio. De certa forma, tudo aquilo era para ele, para recepcionar a sua máquina.

— Sou o padre Francisco João de Azevedo, da província de Pernambuco, inventor da máquina taquigráfica. Estou precisando de carregadores.

Somente uns segundos depois um dos homens disse:

— São muitos expositores, padre, não podemos resolver os problemas de todos.

E eles voltaram a conversar entre si, indiferentes ao inventor. Um dos trabalhadores ainda pensou que os padres deviam cuidar é da alma do povo. Agora se envolviam em tudo.

Azevedo olhou para a carroça, o condutor demonstrava impaciência, subiu os degraus da escada, mas não entrou. Virou-se para a caixa, onde a máquina dormia seu sono de sempre, e começou a fazer o caminho de volta enquanto o condutor descia do veículo com dificuldade. Quando o padre chegou à carroça, o outro já havia destravado a caixa. O inventor a puxou com raiva e, ouvindo o atrito da madeira contra o assoalho, deixou que uma ponta dela caísse no chão. Pediu ao português que conduzisse a carroça um pouco para a frente. E, assim que isso aconteceu, a outra ponta desabou ao lado das botinas do padre, produzindo poeira e um barulho surdo. Se algo se quebrara lá dentro, ele logo ficaria sabendo. Pagou o carroceiro e ouviu os cavalos se afastando. Nem observou a chegada de um homem imenso, com aspecto rude, mas bem vestido.

— Posso ajudar?

— O senhor é da organização?

O outro fez uma expressão acolhedora.

— É melhor o senhor não contar com os inspetores — e olhou para o grupo a que o padre recorrera. — Eles estão preocupados apenas com os relatórios aos chefes.

— O senhor é jornalista?

— Não, eu me chamo José Frederico Rischen.

— Sou expositor.

— Logo vi, por isso vim oferecer ajuda. O que traz aí nesta caixa?

— Uma máquina que escreve.

— Então também pertence ao grupo dos inventores?

— Isso é ruim?

— Não, é bom, muito bom.

Com suas mãos descomunais, mãos de quem sabe dar ordens, embora fossem preparadas para tarefas pesadas, Rischen acenou para dentro do prédio e logo apareceram dois negros de

pés descalços, que, sob seu comando, usando cordas e um varão que ia do ombro de um ao ombro do outro, carregaram a caixa.

— As máquinas vão ficar no térreo, nas galerias laterais — ele explicou ao padre.

— Há outras máquinas para escrever? — ele se alarmou.

— Não, não, para escrever não — Rischen ria —, apenas máquinas que ajudam o homem a produzir mais. Mas o senhor ainda não disse o seu nome.

Ele se apresentou e os dois seguiram os negros que transportavam a caixa.

— Pela primeira vez vamos mostrar quem somos. E a contribuição das províncias é grande. De onde o senhor é?

O padre disse de onde vinha e reclamou que, para as pessoas da província, tudo era mais difícil.

— Mas o senhor está aqui.

— Só eu sei o que passei para conseguir chegar.

— Mas chegou e traz um invento. Não veio para expor minérios ou produtos agrícolas. O senhor está aqui porque criou algo. Representa a nossa inteligência.

— Deste jeito, tudo fica bonito. Mas a verdade é que a inteligência carece de valor. E a ela não se destina quase nada além de palavras.

— Não foi minha intenção — Rischen disse, com a voz desinflada.

— Não, não estou falando do senhor. Em minha terra, até hoje, só tenho recebido elogios.

— Tudo pode mudar. Quando nossos produtos chegarem à Exposição Universal, começaremos a ser um país respeitado também pela indústria, pelos inventos. Seremos um país de fato independente.

— Um país que quer conquistar a independência econômica com o trabalho escravo.

— Também isso está se modificando. E esta exposição talvez ajude a pôr fim à escravidão.

— Não vejo como.

— Estamos mostrando outro país. Criando novos ramos de ação. E nos abrindo para a civilização, que não admite mais escravos.

Chegaram à sala destinada às invenções. Da janela dava para ver os últimos arranjos no pátio interno, onde havia várias espécies de nossa flora. Os negros abaixaram a caixa e, sem que ninguém ordenasse, abriram a tampa com um facão que se encontrava no meio da bagunça de tábuas e peças. Padre Azevedo e Rischen pararam a conversa para acompanhar a ressurreição da máquina. Ela não podia ser vista ainda, pois estava enrolada em tecidos coloridos. O padre tinha envolvido seu invento em velhas redes de dormir, para que ele não sofresse avarias na viagem. Os negros foram tirando os panos e encontraram em um canto um embrulho de papel, amarrado com barbante. O padre se aproximou deles, envergonhado, e pegou o pacote. Eram suas roupas. Algumas camisas, peças de baixo, um par de calças. Nada mais trouxera. Para facilitar a viagem, guardara as roupas ali, mas havia se esquecido disso.

Os negros continuavam desembulhando a máquina. E logo ela se anunciou pelo cheiro. O odor de algodão sendo substituído pelo de madeira; e a máquina, construída em jacarandá, foi posta em pé pelos trabalhadores. Parecia um pequeno piano. Outras pessoas que estavam na sala, organizando o que haviam trazido para expor, interromperam o serviço para olhá-la. Pela primeira vez na viagem, o padre se sentiu alegre. Não fora um sonho, como ele, em seus momentos de dúvida, temera. Ali estava a sua criação, e ela era admirada pelas pessoas. Por pessoas que já tinham visto muita coisa. Nada parecido com aquilo, no entanto.

Como bom provinciano, estava cumprindo o prazo de entrega de material, estipulado até 25 de novembro deste ano de 1861. Chegara no último dia, por isso fora direto ao prédio da Escola Central. Sua máquina estava acomodada no lugar que lhe indicaram. A de Rischen se encontrava lá também, e este perguntou se ele passaria os dias ali, ao lado de sua invenção. Para isso tinha vindo, foi sua resposta. Para explicar o seu funcionamento. E este amigo que acabara de fazer lembrou que seria melhor arrumar uma cadeira confortável que se encaixasse bem no console da máquina. O padre imaginava que tais providências seriam tomadas pela comissão organizadora.

Mais um impasse, pensou o padre. Eram sem fim os problemas que tinham que ser vencidos. Não espantava fossem tão poucos os inventores neste país onde tudo está ainda na infância. Enquanto ele mastigava interiormente suas mágoas, Rischen saiu com os negros que o auxiliavam e logo voltou com uma cadeira que, embora em estilo rococó, o que destoava da máquina, se adaptou perfeitamente ao móvel. Antes de se sentar, ele quis saber a origem daquela cadeira.

— Consegui emprestada na sala da direção da escola — respondeu Rischen, com um sorriso malandro.

— Por acaso o senhor não a teria retirado sorrateiramente do escritório do diretor?

— Não, meu caro. Está aqui o recibo de empréstimo — e lhe estendeu um papel —, tudo que fiz foi incentivar a boa vontade de um dos funcionários com uma pequena gorjeta.

Mesmo assim, Azevedo ficou envergonhado. Ainda bem que outro fizera isso por ele, pois não conseguiria propor algo semelhante a ninguém. Envergonhava-o qualquer ato que não fosse estritamente correto. Não se permitiria participar de um negócio em que se dariam benefícios para que um funcionário fizesse algo que era sua obrigação. Mesmo censurando o método,

sentia-se tranquilo por ter agora uma cadeira. Completavam-se assim os arranjos para sua participação.

Apresentara repetidamente o funcionamento da máquina na exposição do Recife. E em breve teria que fazer tudo de novo. O bom de explicar tanto a sua máquina é que ele ia tendo uma melhor visão dela. Devia mostrá-la a quem nada entendia da escrita mecânica. E em alguns casos deixava que a pessoa a experimentasse. E elas iam apontando dificuldades, que exigiam melhorias. Enquanto fazia essas demonstrações, aperfeiçoava o invento. Nunca terminamos de inventar uma máquina, ele pensou.

Rischen e outras pessoas da sala esperavam que ele escrevesse algo nela. Quando percebeu isso, foi salvo por um dos inspetores. Era o mesmo homem que se recusara a auxiliá-lo lá fora.

— O senhor precisa preencher os dados desta declaração de entrega de material.

E foi fazendo as perguntas: o nome do expositor e o lugar de sua residência? Respostas fáceis, pois o padre não tinha dúvidas quanto a isso. Estava acostumado a repetir o nome que herdara do pai e o endereço no Recife, na rua da Ponte Velha. O problema foi responder às perguntas seguintes.

— Qual a natureza do objeto que o senhor vai expor?

— Uma máquina taquigráfica, destinada a captar discursos e sermões.

— Sim, mas a qual grupo ela pertence? Indústria metalúrgica? — O inspetor nem olhara para a máquina a poucos metros dele.

— Deveria ter sido fundida em metal, mas me foi impossível. Trata-se de um exemplar em madeira.

— Coloquemos então no grupo quatro, das artes mecânicas. Vamos ter que fazer uma pequena mudança, levando-a para a galeria contígua — e agora ele procurou com os olhos a

máquina. — Mas os nossos homens fazem isso. O senhor não precisa se preocupar — o funcionário complementou.

— Não estou preocupado — o padre disse.

Adensara-se o pequeno grupo ao redor dele e do inspetor. Todos queriam ver a máquina. Mas alguém da comissão organizadora trouxe um tecido branco, que foi posto sobre ela. E logo as pessoas voltaram a seus afazeres, menos Rischen, que se mantinha atento à conversa.

— Qual o valor do seu produto?

A esta pergunta ele não poderia responder. O objeto em si tem um valor mínimo. Mas e a sua concepção? Podia colocar um valor absurdo como dois contos. Dizia-se que a exposição toda custaria no mínimo dez contos. Aliás, poderia ser este o valor da máquina: dez contos. Tais delírios do padre não condiziam com sua natureza tímida e humilde. E ele não teve coragem de declarar isso no documento, pedindo para que se escrevesse “sem valor definido”. O inspetor tomou nota e depois advertiu o padre.

— O regulamento, no seu artigo 14, diz expressamente que os expositores não poderão comercializar os produtos enquanto eles estiverem expostos.

O funcionário era o homem-regulamento. Se tudo estivesse previsto no regulamento, ele não precisaria pensar. Bastava cumprir as determinações. Ou não cumprir, dependendo da conveniência. Padre Azevedo assinou a declaração, dando por concluída a primeira etapa de sua aventura na Corte. A máquina estava entregue, e não tinha sofrido nada na viagem.

— Um inventor pertence a um país que ainda não existe — Rischen disse ao padre, enquanto vagavam pela desordem da exposição.

Havia um desvio para o entusiasmo neste homem. Ele criara

um ventilador para classificar café, o que garantiria melhor qualidade para o produto, e nutria uma crença total no país, não no país lá fora, com todas as suas limitações, com sua pequenez industrial, mas em um outro que o substituiria. O nacionalismo era uma forma de religião também, fé no que ainda não podemos ver.

Azevedo tinha visto a máquina de ventilar de Rischen, um mecanismo simples, tocado a vapor, com polias, correias e separador de grãos. O vento afastava os mais leves, criando um padrão pelo peso, diferente do sistema de peneiras, que selecionava pelo tamanho, sem eliminar os grãos chochos.

Rischen, que era da cidade do Rio de Janeiro, explicou o maquinismo com orgulho, não o orgulho de ter inventado aquele dispositivo de separação, mas de que isso fosse possível nos trópicos.

— Produziremos mais café porque nossas terras são boas. Mas produziremos um café de qualidade superior porque teremos uma maquinaria apropriada.

Ao ouvir a palavra maquinaria, o padre se entristeceu. Maquinaria era coletivo, e ele viu um ventilador daquele em cada fazenda de café, mas quando pensou em sua máquina, teve a sensação de que ela continuaria sendo apenas um único modelo, nunca chegaria a se multiplicar, começo e fim de uma espécie que jamais se reproduziria. Não imaginava uma máquina taquigráfica em cada assembleia provincial, captando os discursos. Um Adão sem descendentes.

— O café em breve será um sinônimo deste país. É no encontro da lavoura com a indústria que está a nossa riqueza.

— O senhor devia escrever isso — o padre disse, por educação.

O outro percebeu então que todo o seu discurso negava a máquina taquigráfica, que não se encaixava neste paraíso de uma agricultura enamorada da indústria, e tentou ser gentil.